



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**GABRIELLA FERREIRA QUARANTA  
LARISSA SCHENATO CAPO**

***BULLYING: AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO COM PROFESSORES EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL.***

**BRASÍLIA  
2019**



**GABRIELLA FERREIRA QUARANTA  
LARISSA SCHENATO CAPO**

***BULLYING: AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO COM PROFESSORES EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL.***

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica  
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e  
Pesquisa.

Orientação: Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

**BRASÍLIA  
2019**

## RESUMO

O *bullying* é considerado um tipo de violência cujas consequências podem causar danos graves às vítimas. Com a finalidade de mediação de conflitos causados por esse fenômeno, pode-se construir um processo de sensibilização dos professores para auxiliarem os estudantes a buscarem por expostas positivas frente ao fenômeno ou mesmo a se tornarem agentes capazes de decidir pelo não envolvimento com a violência, buscando ajuda para si ou para colegas que necessitarem, apoiado no conhecimento de sua realidade. Buscando ações de redução e de prevenção do *bullying*, foi realizada em uma escola de ensino fundamental pública no Distrito Federal uma intervenção com os professores, com objetivo de avaliar os efeitos de sua implementação, a partir de resposta dos estudantes. Tratou-se de uma pesquisa do tipo quase-experimento (antes e depois), utilizando resposta de 148 estudantes na faixa etária de 10 a 16 anos de idade, do 6º ao 9º ano. A coleta de dados ocorreu no período de dezembro de 2018 e abril de 2019. Os dados foram submetidos à análise estatística, obtendo-se a razão de prevalência com o intervalo de confiança (IC) de 95% e comparação dos períodos pré e pós intervenção. O programa utilizado nas análises foi SPSS 24. Em todos os testes adotados, foi utilizado o nível de significância de 5%. Constatou-se que houve mudança de comportamento entre os estudantes. Os dados apontaram um decréscimo da prevalência de vítimas. “Pôr apelido”, ser “zoado” e ter seu nome envolvido com “fofoca” foram as manifestações mais relatadas pelas vítimas. Os resultados dessa investigação apontaram que mobilizar professores, por meio de sensibilização acerca do bullying, poderá auxiliar nas respostas adequadas das vítimas frente a situações de conflitos, a partir de informações fornecidas sobre como detectar e intervir rapidamente bem como, dialogando com os alunos sobre as características do fenômeno, como e para quem contar quando se perceber nesse tipo de situação, evitando que um novo ciclo de violência se inicie.

**Palavras-Chave: Bullying. Intervenção. Professor.**

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Comparação dos estudantes (n=148), segundo ano escolar, sexo, idade, cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019. ....	18
<b>Tabela 2</b> – Prevalência de vítimas de bullying nos últimos 6 meses, pré e pós-intervenção (n=148). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019. ....	19
<b>Tabela 3</b> – Prevalência das manifestações do bullying, nos últimos 6 meses, segundo as vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019. ....	20
<b>Tabela 4</b> – Local de ocorrência do <i>bullying</i> nos últimos seis meses, segundo as vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019. ....	21
<b>Tabela 5</b> – Distribuição das vítimas quanto a ter relatado ou não sofrido o <i>bullying</i> . Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2019. ....	22
<b>Tabela 6</b> – Conduta da pessoa para quem a vítima contou ter sofrido bullying. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019. ....	23

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Oficinas educativas realizadas com professores.....	17
---	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Objetivo geral .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>10</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Coleta e análise dos dados .....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Campo de pesquisa e participantes .....</b>	<b>14</b>
<b>3.3 Critério de Elegibilidade .....</b>	<b>15</b>
<b>3.4 Critérios de Inclusão e Exclusão.....</b>	<b>15</b>
<b>3.5 Foram critérios de exclusão no estudo .....</b>	<b>15</b>
<b>3.6 Critérios Éticos.....</b>	<b>16</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>16</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE -A: AUTORIZAÇÃO PARA USO DO BANCO DE DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E CONFIDENCIALIDADE....</b>	<b>32</b>
<b>APENDICE C - TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....</b>	<b>33</b>
<b>APENDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os primeiros relatos sobre *bullying* ocorreram nos países nórdicos e, teve como pioneiro o professor Dan Olweus, após o suicídio de três crianças ter sido veiculado nos meios de comunicação, tendo como causa provável, os maus-tratos sofrido no ambiente escolar por seus pares. A partir de então, fora elaborado um plano de intervenção pelo pelo mesmo professor fato que favoreceu a redução do fenômeno em 50% dos casos. Dessa maneira, esse programa tem sido utilizado em escola norte-americanas e na Europa, tendo com eixo de ação, alunos, pais, professores, funcionários e demais integrantes da rede social de inserção escolar, na tentativa de minimizar os efeitos desse tipo de violência (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008; MARTINS 2009; SILVA e RISTUM, 2010).

O *bullying* pode assumir as características mais comuns dos atos violentos como, socos, chutes, empurrões, violência verbal como, fofocas, apelidos, xingamentos e psicológica tais como, intimidações, ofensas e chantagens. Recentemente, o uso das tecnologias de informação e comunicação trouxe como ônus o *cyberbullying*, a partir de atos violentos difundidos pela internet e pelo telefone celular, que são usados para expor o par por meio de mensagens caluniosas ou difamatórias (OLWEUS 2011,2013; VLACHOU et al 2011).

Dessa maneira, observa-se a necessidade de estratégias de enfrentamento desse tipo de violência para minimizar os danos causados aos atores envolvidos. Sabe-se que o profissional que está mais próximo são os professores que apresentaram aspectos conceituais do fenômeno, valorizando as agressões físicas e psicológicas. Alguns percebem a prática do identificação efetiva, posto que nem sempre ele pode ser observado diretamente, para ser identificado, ao mesmo tempo em que evidenciam a compreensão de que o fenômeno implica também repetitividade das agressões, um dos aspectos principais que caracteriza e diferencia o bullying das demais formas de agressão, de ocorrência esporádica (SILVA, et al., 2013).

Os estudos nacionais indicam ser a sala de aula um dos locais da escola em que as práticas de *bullying* são mais passíveis de ocorrerem (Fisher; King, 2010; Rech, Halpern, Tedesco, & Santos, 2013). Em tal contexto, os professores desempenham um papel fundamental na gestão e na prevenção de conflitos entre os alunos. Não obstante, nem sempre identificam as situações mais sutis do fenômeno ou, quando percebem essas e outras ocorrências do problema, decidem não intervir, algumas vezes por considerarem serem

eventos típicos da faixa etária (Troop-Gordon & Ladd, 2015). Deste modo, muitos agressores não são responsabilizados pelos atos que praticam; o que acaba reforçando seus comportamentos e aumentando os índices de intimidação, de forma cíclica.

Nos Estados Unidos, desde 1999, ocorreram alguns relatos da prática do *bullying*, fato que resultou no massacre de dezenas de adolescentes provocadores, onde as vítimas expostas a essas situações cometeram o assassinato de seus agressores e, em seguida, se suicidaram. Mais tarde, em 2009, dois garotos de 11 anos cometeram suicídio após submissão a esse tipo de violência. Vale enfatizar que os EUA, não possuíam uma lei *anti-bullying* e aplicavam programas de prevenção nas escolas envolvidas (ALBINO e TERÊNCIO, 2012). Em outros países como na Irlanda, Itália, Portugal, as medidas adotadas são baseadas na conscientização e prevenção do fenômeno *bullying* (PEREIRA, 2008; FANTE, 2005).

Em Portugal, salienta-se o estudo de Pereira (2008) que teve como objetivo planejar e avaliar um programa de intervenção para prevenção do *bullying* em escolas básicas dos municípios de Braga e de Guimarães. O programa assenta em três níveis: escola, currículo e sala de aula. Segundo a autora, em nível da escola é necessário o reconhecimento do problema e o diagnóstico da realidade, a partir do qual a equipe coordenadora do projeto define as medidas de intervenção, desta forma o programa deve estar traduzido nas políticas educativas de cada escola no caso português deve ter visibilidade no projeto educativo (PEREIRA, 2008).

Por se tratar de uma violência que ocorre no espaço escolar e, reconhecendo o professor como o adulto responsável que permanece mais próximo dos alunos durante o horário de aula, avaliar se a sua participação nas ações de enfrentamento do *bullying* a partir de uma capacitação acerca da temática traz algum impacto de prevenção e/ou redução do fenômeno em uma escola de ensino fundamental em uma região administrativa da capital federal brasileira.

Ao reconhecer o *bullying* como um conjunto de violências perpetradas entre pares e, sendo esse fenômeno um problema social passível de intervenções, elencou-se como

### **1.1 Objetivo Geral:**

Comparar o efeito pré e pós intervenção realizada com os professores em uma escola de ensino fundamental na capital federal brasileira.



### 1.1.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Caracterizar o perfil sociodemográfico dos professores;
- ✓ Avaliar a prevalência do bullying sofrido pelas vítimas;
- ✓ Identificar se há incidência procura por ajuda das vítimas diretamente com o professor após intervenção;
- ✓ Avaliar a conduta do professor quando solicitada ajuda pela vítima.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Tenho 15 anos e o sonho de ser jogador de futebol. Não gosto de estudar, não gosto de ir para escola... Gosto de dormir, não gosto de acordar... Não sei o que falar mais, pois minha vida é muito chata, não tem nada de interessante... Não sou bom em nada, eu sou um reprovado. Não estudei ano passado.”

Estas palavras foram descritas por um estudante matriculado em uma escola de ensino fundamental da capital federal brasileira que, através de uma redação escolar, conseguiu retratar a forma como se sentem vítimas do bullying. Pode-se perceber uma autodepreciação, o estudante não se percebe como pertencente ao contexto escolar, fato que, além de uma possível evasão, poderá conduzi-lo à um estado depressivo e, em situações mais graves, ideação ou até mesmo execução de autoextermínio. Tornando, dessa maneira, a externalização de um pedido de ajuda ao adulto que tem proximidade diariamente e, é o foco dessa investigação.

O bullying não é uma prática nova. Os relatos se iniciaram em 1973 com os estudos apresentados de maneira científica por Dan Olweus, na Noruega (OLWEUS; LIMBER, 2010). Até então, desconhecia-se o termo, suas apresentações e consequências para os envolvidos.

Elencou-se, para o desenvolvimento dessa investigação, o *bullying*, que ocorre principalmente nos períodos da infância e adolescência (WYNNE & JOO, 2011). Trata-se de um fenômeno que ocorre em diferentes locais, porém o ambiente escolar mostrou-se o local com maior incidência e prevalência para sua expressão. O *bullying* pode se manifestar a partir de

vários tipos de agressões, de natureza física (bater, chutar e empurrar), verbal (apelidar, xingar e rir) ou relacional (isolar socialmente a vítima, espalhar boatos e manipular relacionamentos), despontando um fenômeno multifacetado, por vezes, manifestando-se veladamente e dificultando a sua identificação (SAMPAIO, 2015; OLWEUS, 2013; OLIVEIRA et al., 2019).

Os professores, em razão do tempo em sala de aula, encontram-se mais próximos dos estudantes, logo, em posição privilegiada para observarem as interações, conflitos, e possíveis atos de agressão. Assim, podem intervir em situações de violência que possam ocorrer, com vistas a promover relações interpessoais positivas entre crianças e adolescentes no âmbito escolar (TROOP-GORDON; LADD, 2015). Dessa maneira, envolver o corpo docente nas ações de redução e enfrentamento do bullying poderá viabilizar a diminuição dos atos violentos no espaço escolar, reduzir os danos por esse fenômeno causados, tais como, a violência física, as exclusões e, inclusive a evasão escolar.

Para que haja viabilidade de ações de redução do conflito na escola, é preciso que haja um bom relacionamento entre professores e estudantes para a redução do bullying na escola, em especial, na sala de aula (STASIO; SAVAGE; BURGOS, 2016; WANG et al., 2015). O estímulo ao envolvimento dos estudantes nas ações que reduzam o bullying na escola deve ser realizado pelo professor nos anos iniciais do ensino fundamental, em especial naqueles em que há apenas um professor por turma pois, a partir do sexto ano, ocorre uma fragilidade de vínculo por conta do número aumentado de professores e, nesse período a incidência de bullying nas escolas (SILVA et al., 2016; WANG et al., 2015).

Cabe salientar que, nem sempre os professores possuem os conhecimentos necessários para identificarem as situações de *bullying* que ocorrem em sua presença e/ou estão preparados para intervir nestas situações (SILVA et al., 2017). Por vezes, há uma confusão/desconhecimento entre o conceito do *bullying* e as violências corriqueiras das relações interpessoais esporádicas, fator que dificulta intervenções articuladas e que possuam bons resultados na convivência no espaço escolar.

A falta desta intervenção, por parte dos professores, influencia negativamente o comportamento dos estudantes, pois pode transmitir ou reforçar a mensagem de que a violência na sala de aula é tolerada ou até mesmo permitida (HEKTNER; SWENSON, 2012). Nesse sentido, encontrar apoio para verbalizar as agressões sofridas pelas vítimas, as

assistidas pelas testemunhas à um adulto responsável capaz de mediar o conflito e proporcionar um ambiente escolar acolhedor e de bom convívio entre estudantes.

Na investigação realizada por Silva et al (2017) as respostas dadas pelos professores demonstraram desconhecimento a respeito do caráter violento do *bullying*. Indicando o fenômeno como algo “natural nas relações” interpessoais, somente em evidência devido a uma “supervalorização do fenômeno”. Nesse contexto, observa-se a banalização do bullying, a falta de conhecimento e de pensamento crítico sobre esse tipo de violência.

Silva et al. (2017), afirma ainda que a crença de que as vítimas podem/ devem se defender reforça a ideia de que, de algum modo, elas são responsáveis pelas agressões que sofrem, sendo que tal ideia perpetua o ciclo do bullying. Entretanto, os professores não se encontram suficientemente sensibilizados ao *bullying*, tendendo a banalizar as agressões, considerando-as como brincadeiras típicas da infância e da adolescência (PŠUNDER, 2010). Destarte, há necessidade sensibilizar e imergir o professor para as questões do bullying e, elaborar estratégias para minimizar os efeitos desse tipo de violência no espaço escolar.

Nesse sentido, pode-se afirmar que boas estratégias podem ser tomadas para evitar consequências em relação ao *bullying* na vida das pessoas que compõem o ambiente escolar por meio de medidas de prevenção através de projetos e programas anti-bullying (SILVA, 2016). Levando-se em consideração o auxílio que poderá emergir do professor, desde que ele possa reconhecer o fenômeno, suas causas e consequências e, usufruir de ferramentas adequadas para a interrupção da violência na escola.

Frente ao exposto, a referida pesquisa buscou desenvolvimento de práticas educativas em saúde a fim de apresentar aos professores da escola ora assistida a identificação da manifestação da violência oriunda do bullying (SILVA, 2013), contribuindo na formação dos profissionais de educação a envolverem toda a comunidade escolar para que, ao final, haja autonomia dos estudantes por meio de respostas positivas e não-violentas quando existirem situações de conflito, viabilizando o protagonismo desses adolescentes na prevenção e interrupção do bullying escolar.

### 3. METODOLOGIA

Trata-se de um quase-experimento, que utilizou como instrumento da coleta de dados um questionário avaliado e aprovado para identificação da dinâmica do bullying no espaço escolar (SAMPAIO; et al., 2015). É um questionário autoaplicável, que demanda, em média 12 minutos para ser respondido, podendo ser aplicado na própria sala de aula pelo professor com os estudantes presentes. O principal objetivo a ser atingido na análise e na interpretação dos resultados deste tipo de estudo é a constatação dos efeitos de uma determinada intervenção utilizada para avaliar pontos e/ou temáticas específicas.

#### 3.1 Coleta e análise dos dados

Cabe salientar que a fase pré-intervenção, os dados são provenientes de uma investigação de maior magnitude, sob orientação da Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, que buscou realizar um diagnóstico sobre o bullying na Capital Brasileira. O recorte das variáveis trabalhadas foram a identificação do respondente e as questões voltadas para a vitimização: as vítimas, o local onde ocorreu, a quem ela pediu ajuda e o que fez a pessoa para quem ela contou a violência sofrida.

A segunda etapa ocorreu de coleta ocorreu entre março e abril de 2019, após intervenção com os professores. O questionário foi aplicado ao mesmo grupo de estudantes respondentes na fase pré-intervenção.

Após coleta, os dados foram duplamente digitados em planilha Excel<sup>®</sup> e, em seguida, foi utilizado o programa SPSS 24 a fim de avaliar as fases pré e pós intervenção.

Os resultados dos testes estatísticos se referiram à comparação dos momentos pré e pós-intervenção, de uma maneira global, embora a análise descritiva das características dos estudantes em relação ao nível de envolvimento com o *bullying* também foram apresentados.

Para a execução dos períodos antes e depois, a fim de avaliar se as atividades realizadas com os professores trouxeram mudança de atitude frente a vitimização, foram extraídas do questionário as variáveis dos dados socioculturais, a condição de vítima, os tipos de violência sofrida, para quem a vítima buscou ajuda e a reação da pessoa para quem a vítima verbalizou a agressão sofrida.

### **3.2 Campo de pesquisa e participantes**

Atualmente, a rede pública de ensino do Distrito Federal conta com 667 escolas, nas 14 regionais de ensino. Entre essas, 590 são urbanas e 77 são rurais. Totalizando 4.346 turmas de ensino fundamental e 131.628 alunos matriculados na rede de ensino do sexto ao nono ano.

A referida escola consta com uma matrícula no ano de 2019 de 1148 alunos, com funcionamento do Ensino Fundamental sendo o matutino com 625 alunos matriculados do 6º ao 9º ano e, no período vespertino 523 estudantes no Ciclo I, composto por turmas do 1º ao 5º ano. Esses dados estão contidos no Projeto Político Pedagógico da escola e, a não citação foi escolha das pesquisadoras, dado ao sigilo da pesquisa, preservando os participantes e demais membros da comunidade escolar.

Na primeira fase, de acordo com a investigação de Salomão, Xavier e Sampaio (2017) , todos os estudantes do turno matutino foram convidados para participar da investigação (6ºano ao 9ºano do ensino fundamental), respondendo ao questionário proposto, desde que fossem matriculados e estivessem presentes no dia previsto para a aplicação do instrumento de coleta de dados.

O segundo momento, foi a intervenção com os professores. Após a análise descritiva dos dados secundários referentes à escola, campo dessa pesquisa, foram elucidadas as variáveis sobre a vitimização e busca de ajuda por parte das vítimas. Por meio dessas informações, elaborou-se uma atividade de sensibilização sobre a temática, destinada aos professores dessa escola a fim de que os mesmos fossem capazes de discutirem os aspectos do bullying, identificarem os conflitos envolvendo esse fenômeno e, por fim, ofertar ferramentas de intervenção, por meio de diálogo e busca de respostas positivas dos estudantes frente o envolvimento com esse tipo de violência.

Em seguida, com a finalização das oficinas, foi aplicado o questionário para o mesmo grupo de respondentes da fase pré-intervenção, com o intuito de observar se houve redução do bullying.

Ressalta-se, portanto, que, apesar da intervenção ter sido realizada com os professores, as variáveis serão oriundas das respostas dos estudantes.

### **3.3 Critério de Elegibilidade**

Considerou-se como critério de elegibilidade para responderem ao questionário, estudantes devidamente matriculados, do sexto ao nono ano em uma escola pública por região de educação no Distrito Federal e, que estivessem frequentando assiduamente as aulas. Para a intervenção, os professores, durante o horário de trabalho coletivo (HTPC), presentes nas reuniões que foram previamente agendadas com a direção local.

### **3.4 Critérios de Inclusão e Exclusão**

- a) Para o estudante: estar presente no dia em que for aplicado o questionário em sala de aula;
- b) Para o professor: estar presente no período de reunião local.

### **3.5 Foram critérios de exclusão no estudo:**

- a) Alunos com necessidades especiais, por exemplo, deficiência visual grave, paralisia cerebral ou outras patologias físicas, neurológicas ou mentais que não permitiram a autoaplicação do questionário.
- b) Questionários respondidos parcialmente, deixados em branco ou com qualquer incoerência nas respostas.
- c) Estar ausente no dia em que for aplicado o questionário.
- d) Para o professor: não estar presente no dia da atividade interventiva, previamente agendada.

### 3.6 Critérios Éticos

Foi apresentado para os estudantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de que os pais e/ou responsáveis firmassem, autorizando a participação do adolescente e para os professores que aceitassem a participar das oficinas. Foi, também, apresentado o Termo de Assentimento, para o estudante que, tendo a autorização do seu respectivo responsável, quisesse participar da pesquisa.

Cabe salientar que os encontros aconteceram após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa CEP/CEUB sob CAAE nº 03635218.9.0000.0023, e aprovação sob parecer de número 3.104.552 em 29/12/2018.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após compilação dos dados secundários referente à situação de bullying entre os estudantes, foram realizados quatro encontros com os professores a fim de abordar essa temática com a perspectiva de instruí-los na mediação dos conflitos.

Inicialmente, seriam dois encontros ainda em 2018 e os outros em 2019. Porém, com o ajuste de calendário da Rede de Ensino local, as oficinas ocorreram entre fevereiro e março, tempo exigido pela escola para ajustes com mudança de governo local e adaptação da rotina para o ano letivo corrente.

Implementou-se oficinas educativas no Horário Pedagógico de Trabalho Coletivo (HTPC), previamente agendado pela direção da escola, onde se abordou estratégias e técnicas de promoção de habilidades sociais direcionadas para a redução/prevenção do *bullying*, a serem utilizadas em sala de aula, recreios escolares e pátios.

Segundo Sampaio (2015), “ao longo de sua formação, o professor deve adquirir habilidades para intervir nos mais diversos aspectos de conflitos que surgem na escola”, porém, isso não tem sido uma realidade durante a graduação na área da Educação. Uma investigação em andamento, também realizada na capital federal brasileira, apresentou em seus dados parciais, que os professores não conseguem intervir nas situações de conflito de

maneira adequada por não saberem identificar o que é bullying e, não o distinguir dos conflitos corriqueiros (SILVA; SAMPAIO, 2019).

As atividades tiveram por base, as estratégias utilizadas com os professores por Sampaio (2015), em sua investigação. Segundo a autora, a temática *bullying* deve ser elucidada e dialogada na escola. Deve-se levar em consideração a formação, a atuação e a experiência do professor, para que possa atuar frente aos casos de *bullying* de forma eficiente, viabilizando a redução da violência na escola.

Diante do exposto, utilizando-se de uma estratégia que se apresentou eficiente, as atividades com os professores seguiram a seguinte sequência (Quadro 1):

**Quadro 1** – Oficinas educativas realizadas com professores.

OFICINA	TEMA ABORDADO	MATERIAL UTILIZADO
Primeira	Como distinguir o <i>bullying</i> dos conflitos corriqueiros?	Fragmentos de texto Oliveira et. al (2018). Aula expositiva utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e <i>bullying</i> . Agressividade Infanto-Juvenil.
Segunda	Como identificar e ajudar a vítima de <i>bullying</i> ?	Discussão de fragmentos do livro “ <i>Bullying</i> : saber identificar e como prevenir” Lopes Neto, 2011. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey (1999) e Ortega (2002).
Terceira	Como identificar e auxiliar o agressor?	Aula expositiva, utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e <i>bullying</i> . Agressividade Infanto-Juvenil. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey; (1999) e Ortega (2002).
Quarta	Auxiliando as testemunhas na identificação de <i>bullying</i> .	Rosário e Duarte, 2010; Salmivalli e Poskiparta 2012.

Como já descrito anteriormente no método, após a intervenção, o instrumento para a coleta dos dados foi aplicado logo após a intervenção com os professores, respeitando um prazo de aproximadamente três semanas entre a última oficina e a coleta.

Cabe salientar que o objetivo dessa investigação foi avaliar a intervenção junto aos professores a sua implementação, baseada nas respostas dos estudantes. Portanto, os resultados dos testes estatísticos se referiram à comparação dos momentos pré e pós-intervenção, de uma maneira geral, embora a análise descritiva das características dos estudantes também foi apresentada em ambos momentos (antes e depois da intervenção).

Na Tabela 1, estão representadas as características dos estudantes quanto ao ano escolar, que evidenciou maior concentração de estudantes no sexto e o sétimo anos (66, 2%), prevalência essa que modificou na segunda etapa do projeto sobressaindo estudantes do



sexto e do nono ano (54,38%), a maioria do sexo feminino (66,2%), quanto à idade, que evidenciou a predominância de estudantes com onze e doze anos de idade (64,8%).

**Tabela 1** – Comparação dos estudantes (n=148), segundo ano escolar, sexo, idade, cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Ano Escolar</b>		
6º	54	36,49
7º	44	29,73
8º	32	21,62
9º	18	12,16
<b>Sexo</b>		
Feminino	98	66,22
Masculino	50	33,78
<b>Idade</b>		
10	9	6,08
11	53	35,81
12	43	29,05
13	22	14,86
14	17	11,49
15	4	2,70
<b>Reprova</b>		
Nunca reprovei	135	91,21
Reprovei	13	8,78
<b>Cor</b>		
Não respondeu	2	1,35
Branca	35	23,65
Preta	13	8,78
Parda	83	56,08
Amarela	4	2,70
Indígena	11	7,43

Quanto à situação de reprova, os dados revelaram que a maioria dos sujeitos nunca reprovou (91,2%).

Quanto à cor/raça, 71,7% dos estudantes afirmaram ser de cor/raça parda ou branca.

**Tabela 2** – Prevalência de vítimas de bullying nos últimos 6 meses, pré e pós-intervenção (n=148). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Vítimas	Pré intervenção <sup>1</sup>		Pós intervenção <sup>1</sup>	
	n	%	n	%
Sim	63	42,56	44	29,72
Não	85	57,44	104	70,28
<b>Total</b>	<b>148</b>	<b>100,0</b>	<b>148</b>	<b>100,0</b>

<sup>1</sup> Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós- intervenção ( $\alpha=5\%$ ).

Frente à vitimização, os dados evidenciaram uma prevalência elevada de vítimas de *bullying* (42,5%). Após a implementação do programa *antibullying*, os resultados evidenciaram uma redução de 12,83% da frequência de estudantes submetidos às agressões pelo seu par.

Para a variável vítimas, não houve evidência de diferença estatística entre os momentos pré e pós implementação das atividades realizadas com os professores (Tabela 1). Inicialmente, esses dados apresentam-se elevados quando comparados aos dados de investigação nacional de Malta (2014), porém, após a atividade interventiva, o resultado se assemelha aos encontrados por Marcolino et al. (2018) na condução de sua respectiva investigação.

Ao se analisar os tipos de *bullying* referidos pelas vítimas, os dados apresentados na tabela 3, não apresentaram evidência de diferenças estatísticas entre as etapas antes e após a intervenção. Dentre as formas de manifestações do *bullying*, os resultados apontaram que ter seu nome envolvido com fofocas correspondeu a 22,29% das agressões, seguidas das ser chamado por apelidos (20,94%) e ‘zoações’ (20,27%).

Cabe ressaltar que, embora não tenha apresentado evidência de diferença significativa entre os momentos pré e pós-intervenção, em relação aos tipos de *bullying* após a execução do programa de intervenção, houve uma redução da frequência dos tipos de agressões às quais as vítimas estavam submetidas (Tabela 3). Excetuando-se, apenas, as ‘zoações’, que não

apresentaram alterações no número de vítimas e, ser isolado/excluído, que despontou discreto aumento, com uma vítima a mais referindo experienciado esse tipo de violência.

Esse resultado corrobora com os achados de Schultz et al. (2012), Thornberg et al. (2014) e Oliveira et al. (2018) que apontaram a prevalência da prática da violência verbal. Deve-se levar em consideração que as zoações podem ser confundidas com as brincadeiras características da infância (OLIVEIRA, 2018), despontando, dessa maneira, a necessidade da realização de uma investigação sobre as características do bullying na escola, a fim de serem elaboradas e implementadas estratégias de enfrentamento de acordo com a realidade daquele espaço escolar específico.

**Tabela 3** – Prevalência das manifestações do bullying, nos últimos 6 meses, segundo as vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Agressão sofrida	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Agressão Física	12	8,10	5	3,37
Apelidar	31	20,94	23	15,54
Zoar <sup>1</sup>	30	20,27	30	20,27
Fizeram fofoca	33	22,29	24	16,21
Pegaram algo sem permissão	14	9,45	13	8,78
Cyberbullying	10	6,75	06	4,05
Amedrontar	08	5,40	10	6,75
Isolar/excluir	13	8,78	14	9,45
Humilhar/xingar por causa da cor da pele	04	2,70	02	1,35
Humilhar/xingar por outro problema	-	0	-	0

Teste Exato de Fisher. <sup>1</sup> Não houve evidência de diferença estatística significante entre as fases pré e pós intervenção ( $\alpha=5\%$ ).

Na análise do local de ocorrência do *bullying*, os achados evidenciaram que a sala de aula foi o local de maior ocorrência, em ambos momentos da investigação, apresentando uma redução de 13,0% após a intervenção e, o refeitório foi o local menos referido pelas vítimas nas fases pré e pós intervenção (Tabela 3).

<sup>1</sup> Fazer gozação, mangação, motejar, zombar; escarnecer. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <[www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis)>. Acesso em: 17 set. 2015.

Observou-se ainda que a maioria das agressões perpetradas contra as vítimas ocorreram dentro do espaço escolar, embora o *bullying* possa apresentar uma díade ao perpassar os portões da escola e se expandir para outros espaços ou, ainda, este tipo de violência adentrar o contexto escolar e se constituir um fator de vulnerabilidade para a incidência e prevalência desse fenômeno. Fato que pode ser evidenciado com o “caminho de casa” e “outro local”, referidos pelos estudantes como os espaços onde eles foram vitimizados (Tabela 4).

**Tabela 4** – Local de ocorrência do *bullying* nos últimos seis meses, segundo as vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Local onde as agressões ocorreram	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Sala de aula	27	18,24	21	14,18
Recreio	24	16,21	20	13,51
Banheiro	02	1,35	02	1,35
Porta da escola	11	7,43	06	4,05
Corredores	13	8,78	10	6,75
Refeitório	05	3,37	03	2,02
Caminho de Casa	05	3,37	04	2,70
Outro lugar	09	6,08	05	3,37

Teste Exato de Fisher. <sup>1</sup> Não houve evidência de diferença estatística significativa entre as fases pré e pós intervenção ( $\alpha=5\%$ ).

Quanto ao local, as pesquisas nacionais têm apontado a sala de aula como o local de maior prevalência do *bullying* (LAMAS; FREITAS; BARBOSA, 2013; RECH et al., 2013; SAMPAIO, 2015), apresentando congruência com a investigação ora apresentada, seguido das manifestações no recreio, corroborando com pesquisa de Pereira et al. (2011) e Salmivalli (2014) com as pesquisas internacionais que apontaram esse, como o espaço onde mais acontecia a perpetração do *bullying*.

Vale mencionar que a maioria das vitimizações ocorreu dentro do espaço escolar e, isso acaba instituindo uma situação passível de reflexão sobre a violência urbana adentrar-se no espaço escolar ou mesmo, se a escola que deveria ser um espaço social que deveria estimular além das questões de aprendizagem, a cidadania e promover a cultura de paz, tem se tornado um espaço de vulnerabilidade no que tange a violência. Essa situação foi

evidenciada como outros espaços fora da escola onde ocorreu a perpetração da violência, a saber, no “caminho de casa” e “outro local”.

Diante do exposto, a proposta de Oliveira et al (2018) vem fortalecer a necessidade de intervenções com estudantes, direcionadas pelos professores. Segundo os autores,

na sala de aula podem ser incluídas estratégias de bom convívio social e estímulo às amizades, à solidariedade, à inclusão e aceitação social, além da oferta de esclarecimentos sobre as diferentes formas que o fenômeno pode assumir no cotidiano, enquanto verbal ou indireto, por exemplo.

Dessa maneira, além da identificação situações de violência e elaborar intervenções frente aos conflitos apresentados, trabalhar as habilidades sociais fortalecerá as respostas dos estudantes frente à agressividade, auxiliará na promoção da Cultura de Paz e na quebra do ciclo de violência sustentado pelo bullying.

**Tabela 5** – Distribuição das vítimas quanto a ter relatado ou não sofrido o *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2019.

Reação da vítima	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Não contou nada	16	10,81	08	5,40
Disse aos amigos	18	12,16	14	9,45
Disse ao professor, coordenador ou outro funcionário da escola	11	7,43	19	12,83
Disse ao pai e/ou mãe	11	7,43	18	12,16
Disse a outra pessoa da família	09	6,08	13	8,78

Teste Exato de Fisher <sup>1</sup> Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós intervenção ( $\alpha=5\%$ ).

Quanto a variável “para quem você contou o *bullying* ocorrido?”, as vítimas relataram com maior frequência que informou aos amigos (12,16% pré-intervenção), apresentando um decréscimo de 2,71% após a intervenção (9,45%). É possível que isso tenha relação com a violência ser vista pela sociedade como algo natural, que pode ser aceitável ou que não pode ser mudado, gerando falta de questionamentos mediante a presença dela (Ramos, 2016). Desencorajando o relato da situação experienciada pela vítima ou contar apenas para um amigo que, de fato, não poderá auxiliá-lo (Tabela 5).

Nesse contexto, Pavan (2007) ressalta a necessidade de estimular aos alunos para que entendam a importância de se respeitar e respeitar o outro, cabendo salientar que isso faz parte da consciência de ser professor. Corroborando com a proposta dessa investigação onde partiu-se do pressuposto de que, uma vez realizada intervenção com professores, fornecendo-lhes ferramentas que pudesse usar na mediação de conflitos, os resultados de prevenção e redução do bullying seriam possíveis.

Embora os resultados não tenham apresentado evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós intervenção, houve alteração na busca por ajuda que, inicialmente contar para um amigo ou não contar para ninguém somavam 22,97% dos relatos das vítimas, apresentaram uma redução dessa frequência, que era desejada pelas pesquisadoras, após a implementação da atividade com os professores, para que os alunos vitimizados buscassem informar o ocorrido para algum adulto responsável que pudesse auxiliá-lo.

Nesse sentido, a frequência da soma dessas variáveis supracitadas diminuiu para 14,86% demonstrando que, houve efetividade da atividade implementada na escola.

Observa-se também, o aumento da busca de ajuda por parte da vítima para um adulto responsável como professor, coordenador ou outro funcionário da escola (7,43% pré - 12,83% pós-intervenção), aos pais (7,43% pré – 12,16% pós-intervenção) e a outro membro da família (6,02% pré – 8,78% pós-intervenção).

Esses resultados estão consonantes com o que referem Karasimopoulou e Zervoudaki (2012) ao afirmarem que a aprendizagem de estratégias de enfrentamento assertivas, aliada a um maior domínio emocional, configura-se como elemento que pode interromper o ciclo de agressões e assim aumentar a qualidade das interações sociais e da vida das vítimas. Nesse mesmo sentido, Silva et.al. (2018) salienta a importância de se empoderar a vítima a fim de diminuir a condição de vulnerabilidade, despontará respostas mais adequadas caso surjam situações de violência que necessitem enfrentar novamente.

**Tabela 6** – Conduta da pessoa para quem a vítima contou ter sofrido bullying. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Conduta da pessoa para quem a vítima relatou o ocorrido	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Não contou nada	16	10,81%	08	5,40%
Não acreditou	30	20,27%	02	1,35%

Não fez nada	09 6,08%	05 3,37%
Conversou comigo	15 10,13%	15 10,13%
Chamou a atenção do agressor	14 9,45%	11 7,43%
Ajudou de outra forma	04 2,70%	02 1,35%

Teste Exato de Fisher. <sup>1</sup> Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós- intervenção ( $\alpha=5\%$ )

No que tange à conduta da pessoa para a qual foi referida a situação de *bullying*, os dados demonstraram que, antes da intervenção, 20,27% das pessoas procuradas pelas vítimas, não acreditaram na vítima (Tabela 6). Segundo Neto (2006), escola deve ouvir e dar atenção as reclamações, depoimentos e denúncias dos alunos quando estes referem a violência. Porém, o que pode ocorrer é a comum a ideia entre os professores que, ao presenciar situações de *bullying*, acreditem que se trata de brincadeiras características da idade (TROOP-GORDON & LADD, 2015).

Observou-se, após a ação interventiva, que houve uma mudança da conduta da pessoa para quem a vítima referiu ter sofrido bullying, reduzindo a frequência em 18,91% de quem não acreditava. Esse fato pode estar atrelado a sensibilização dos professores para a temática e apresentação dos sinais e manifestação do bullying.

A frequência de manutenção de diálogo com a vítima se manteve nas fases pré e pós-intervenção (10,13%), mas, cabe lembrar a redução da frequência do número de vítimas após a atividade interventiva com os professores (12,83%).

Os dados demonstraram que 22,29% das vítimas conseguiram identificar que, ao verbalizar o *bullying* sofrido, a pessoa para quem foi informado o ocorrido, ofertou auxílio para ajudá-la no enfrentamento da violência perpetrada. Nesse caso, somando-se as variáveis “conversou comigo”, “chamou a atenção do agressor” e “ajudou de outra forma”.

Segundo a investigação conduzida por Silva et.al. (2017), quando questionados sobre a causa do bullying, alguns professores informaram nunca terem pensado sobre o assunto. Isso traduz a ideia de que, deve-se sensibilizar essa categoria profissional que tão de perto atuam na escola, para que desenvolvam habilidades na identificação das ações de violência, na mediação de conflitos e que se tornem a pessoa para quem a vítima se direcione para pedir ajuda.

Nesse sentido, os autores despontam a importância de articulação da temática com a formação de professores, com apresentação de propostas consistentes de formação continuada a fim de, junto com a escola, possa esboçar a redução do fenômeno por meio de uma prática que chamam de desbarbarização da humanidade (SILVA et.al., 2017). É nesse processo que emerge a figura do professor, apresentada por Sampaio (2015), como um adulto responsável, que seja capaz de constituir vínculo de confiança com a vítima, para que ela se sinta segura para verbalizar a violência à qual esteja sendo submetida. Para tanto, o professor deve valorizar a fala da vítima, acolhê-la e auxiliá-la a buscar respostas adequadas frente as agressões.

Segundo Sampaio (2015) se não houver intervenção frente essas situações de conflitos nas relações entre pares pela negligência das pessoas para as quais a vítima verbaliza seu sofrimento, além de gerar no agressor uma sensação de impunidade e isso poderá servir de estímulo para que continue agredindo outros estudantes, perpetuando, dessa maneira, o fenômeno *bullying* no espaço escolar bem como, poderá levar vítimas ao convívio com o medo, com a dor, com a angústia, desmotivando-a nos estudos, causando evasão escolar, sentimento suicida e, nas situações mais graves, tentativa e execução de autoextermínio (PEREIRA; SILVA; NUNES, 2009)

Nesse ínterim, algumas ações podem ser estabelecidas entre escola e família na tentativa da identificação de envolvimento com a violência causada pelo fenômeno e, segundo Trevisol, (2016) o diálogo familiar consiste na melhor forma para o combate e resolução dos problemas de bullying, além de acreditarem que a família também deve aprender sobre o bullying e os sinais que a criança emite quando está em sofrimento.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento do comportamento do *bullying* e as suas particularidades na escola, tornou-se uma ferramenta eficaz no que tange a eficiência do planejamento e na execução das atividades com os professores. Fomentar informações sobre as características do *bullying*, suas principais causas e consequências, por meio de ações dialogadas, permitiu sensibilizar esses profissionais, aproximando-os da temática.

Quando se percebe que, além das questões estabelecidas no processo ensino-aprendizagem, o professor, nesse ambiente onde se estabelecem os conflitos, deve estar vinculado à detecção e à mediação dos atos violentos, bem como para a execução de ações preventivas no que tange a dinâmica do *bullying*. É esse profissional quem apresentará a temática *bullying*, por meio de diálogo bem como, as condições para que os estudantes possam desenvolver habilidades adequadas frente ao *bullying* e adotem comportamentos mais assertivos e positivos, a fim minimizar os efeitos nocivos desse tipo de violência, destarte, reduzindo sua incidência no espaço escolar.

Cabe salientar que a implementação de estratégias de intervenção é um processo contínuo e não deve ser interrompido com a saída das pesquisadoras da escola. Trata-se de um fenômeno multicausal, multifacetado e diversas formas de manifestação. Ela deve ter longa duração e ser constantemente (re)avaliado e, quando necessário, despontar novas propostas e execuções adequadas de intervenção de acordo com a realidade escolar.

Não se pretende, com essa investigação, o esgotamento das possibilidades de intervenção no ambiente escolar sobre os aspectos do *bullying*, pelo contrário. Compete aqui, chamar a atenção para a temática tão em voga e passível de esforços mútuos entre comunidade científica, escolar e setor saúde para reduzir esse tipo de violência na escola e as os danos por ela causados, permitindo que a escola se torne um espaço de construção de conhecimento e de bom convívio social.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, P.L.; TERÊNCIO, M.G. **Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying:** do conceito ao combate e à prevenção. Revista Eletrônica do CEAFF. Porto Alegre–RS, Ministério Público do Estado do RS, v. 1, n. 2, 2012.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Verus Editora, 2005.

FISHER, M.J.; KING, J. The self-directed learning readiness scale for nursing education revisited: A confirmatory factor analysis. **Nurse Education Today**, v. 30, n. 1, p. 44-48, 2010.

HEKTNER, J. M.; SWENSON, C. A. Links from teacher beliefs to peer victimization and bystander intervention tests of mediating processes. **The Journal of Early Adolescence**, Berlin, v. 32, n. 4, p. 516-536, Aug. 2012.

KARASIMOPOULOU S, ZERVOUDAKI VDE. Children's perception about their health-related quality of life: effects of a health education-social skills program. **Health Educ Res** [Internet]. 2012 [cited 2016 Nov 30]; 27:780-93.

LAMAS, K.C.A.; FREITAS, E.R.; BARBOSA, A.J.G. *Bullying* e Relação Professor-Aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 2, pp. 263-272, abr./jun. 2013

LOPES NETO, A.A. **Bullying: saber identificar e como prevenir** – São Paulo: Brasiliense, 2011. 120p.

MALTA, D.C. et al. *Bullying* em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev. bras. epidemiol.** [online]. 2014, vol.17, suppl.1, pp. 92-105.

MARCOLINO EM, CALVACANTI AL, PADILHA WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto Contexto Enferm**, 2018; 27(1):e5500016

MARTINS, M.J.D. Agressão, vitimação e emoções na adolescência, em contexto escolar e de lazer. **Revista Interações**, p. 187-207, 2009.

NETO, A. A. L. Comportamento agressivo entre estudantes: Bullying. In: **Escolas promotoras da saúde: Experiências no Brasil**. 2006.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al . Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 3, p. 751-761, Mar. 2018 . . access on 18 Aug. 2019.

OLWEUS, D. Acoso escolar, "bullying", en las escuelas: hechos e intervenciones. **Centro de investigación para la Promoción de la Salud, Universidad de Bergen, Noruega**, v. 2, 1993.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Blackwell Publishing, 1993.

OLWEUS D. Bullying at school and later criminality: findings from three Swedish community samples of males. **Crim Behav Ment Health.** 2011;21(2):151-6. 2.

OLWEUS D. School bullying: development and some important challenges. **Annu Rev Clin Psychol.** 2013;9(1):751-80.

OLWEUS, D.; LIMBER, S.P. Bullying school: evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Program. **American Journal of Orthopsychiatry**, Malden (EUA), v. 8(1), p. 124-134, 2010

ORTEGA, R. O projeto de Sevilha contra a violência nas escolas: um modelo de intervenção educacional de natureza ecológica. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias.** Brasília: UNESCO, 2002.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. The use of peer support in the S.A.V.E. project. Paper presented at the **IXth European Conference on Developmental Psychology**, Spetses, Greece (September). 1999.

PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sergio. Bullying: mais uma epidemia invisível. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 1, p. 3-5, 2006.

PAVAN, L. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula.** Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

PEPÊ A. Assédio moral, assédio escolar e bullying. Agressividade Infanto-Juvenil. **XIII Reunião Conjunta Conselho Estadual de Educação.** Conselhos Municipais de Educação. VIII Encontro Estadual da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação UNCME. Ilhéus – Bahia. Outubro, 2011.

PEREIRA, B.O. **Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** 2ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2008.

PEREIRA, B. O.; SILVA, M. I.; NUNES, B. Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.9, n.8, p. 455-466, set./dez. 2009

PEREIRA, B.O. et al. Bullying escolar: Programas de intervenção preventiva. In: GISI, M.L., & ENS, R.T. (Eds.), **Bullying nas escolas: Estratégias de intervenção e formação de professores** (pp. 205). Curitiba – Brasil: Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2011, p.135-55.

PŠUNDER, M. The identification of teasing among students as an indispensable step towards reducing verbal aggression in schools. **Educational Studies**, Oxford, v. 36, n. 2, p. 217-228, May. 2010.

RAMOS, Euélica Fagundes. Violência Escolar e Bullying: o papel da Família e da Escola. Disponível em: Acesso em: outubro de 2016.

RECH, R.R.; HALPERN, R.; TEDESCO, A.; SANTOS, D F. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **J. Pediatr. (Rio J.) [online]**. 2013, vol.89, n.2, pp. 164-170.

SALMIVALLI, C.; POSKIPARTA, E. Kiva antibullying program: overview of evaluation studies based on a randomized controlled trial and national rollout in Finland. **International Journal of Conflict and Violence**, v. 6, n. 2, p. 294-302, 2012.

SALMIVALLI C. PARTICIPANT Roles in Bullying: How Can Peer Bystanders Be Utilized in Interventions? **Theory Into Practice** 2014; 53(4):286-292.

SALOMÃO, A. C. M; XAVIER, J. A. **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira**. 2017. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/pic/article/view/5823>. Acesso: 05 julho 2019.

SAMPAIO, J.M.C; et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, jun., 2015.

SCHULTZ NCW, DUQUE DF, SILVA CF, SOUZA CD, ASSINI LC, CARNEIRO MGM. A compreensão sistêmica do bullying. *Psicol. estud.* 2012; 17(2):247-254.

STASIO, M. R, et al. Social comparison, competition and teacher student relationships in junior high school classrooms predicts bullying and victimization. **Journal of Adolescence**, London, v. 53, p. 207-216, Dec. 2016.

SILVA, J.K.R.O; SAMPAIO, J.M.C. **Concepção sobre o bullying sob a ótica de professores de uma escola pública da capital do Brasil**. p. 17. Trabalho de Conclusão de Curso. UNICEUB, 2019.

SILVA, J. L.; et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** (UFRJ. 2003), v. 65, p. 121-137, 2013.

SILVA, J.L. et al. The effects of a skill-based intervention for victims of bullying in Brazil. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Switzerland, v. 13, n. 10, p. 1042-1052, Oct. 2016.

SILVA, J. L. da et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, n. 3, p. 1085-1091, May. 2018.

SILVA, J.O. da; RISTUM, M.. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 232-247, 2010.

SILVA, M. A.. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. **Revista Eletrônica De Enfermagem**, 15(3), 603-8. 2013.

SILVA, M. V. **Bullying na sala de aula e o papel do professor no ensino fundamental**. Caicó, 2016. 20f. Trabalho para Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) 2016.

SILVA, P. F. et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 44-56, jan./abr. 2017.

THORNBERG R, THORNBERG UB, ALAMAA R, DAUD N. Children's conceptions of bullying and repeated conventional transgressions: moral, conventional, structuring and personal-choice reasoning. **Educational Psychology** 2014; 36(1):1-17.

TREVISOL, M.T.C.; CAMPOS, C.A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 20, n. 2, p. 275-284, Aug. 2016 .

TROOP-GORDON, W., & LADD, G. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: associations with students' aggressive behavior and peer victimization. **Journal of Abnormal Child Psychology**, 2015. 43(1), 45-60.

VLACHOU M, et al. Bully/victim problems among preschool children: a review of current research evidence. **Educ Psychol Rev.** 2011; 23(3):329-58.

WANG, C. et al. Teachers matter: an examination of student-teacher relationships, attitudes toward bullying, and bullying behavior. **Journal of Applied School Psychology**, v. 31, n. 3, p. 219-238, Aug. 2015.

WYNNE, S.L.; JOO, H. Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. **Crime & Delinquency**, v. 57, n. 3, p. 458-488, 2011.

## APÊNDICE -A: AUTORIZAÇÃO PARA USO DO BANCO DE DADOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES  
CURSO DE ENFERMAGEM  
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF  
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 01 de março de 2018

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicitamos a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica intitulado **Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública no Distrito Federal** das alunas **Gabriella Ferreira Quarenta** e **Larissa Schenato Capo**, , regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

**Gabriella Ferreira Quarenta**

**Larissa Schenato Capo**

Eu Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade

---

Julliane Messias Cordeiro Sampaio

## APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E CONFIDENCIALIDADE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES  
CURSO DE ENFERMAGEM  
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF  
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 15 de fevereiro de 2019

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Nós, **Gabriella Ferreira Quarenta** e **Larissa Schenato Capo**, regularmente matriculadas no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumimos a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada ***Bullying no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção desenvolvida*** pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

**Gabriella Ferreira Quarenta**

**Larissa Schenato Capo**

## APENDICE C - TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - Para pais

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

**Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública no distrito federal**  
**Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.**

**Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio**

**Pesquisadoras assistentes: Gabriella Ferreira Quaranta e Larissa Schenato Capo**

Seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja permitir a participação dele(a) (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida deixá-lo(a) participar, por você ser o responsável por ele(a) será solicitado a sua assinatura nesse documento e será entregue uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

O objetivo específico deste estudo é caracterizar o perfil sociodemográfico dos estudantes que se autodenominaram vítimas e agressores; identificar os tipos de manifestações mais frequentes nas escolas; elaborar propostas de intervenção para cada escola.

#### **Procedimentos do estudo**

- A participação do seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável consiste em responder um questionário autoaplicável.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em classe no horário normal de aula.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos mínimos.
- Medidas preventivas, como sigilo e anonimato dos respondentes serão assegurados serão tomadas durante toda a pesquisa e posterior à mesma para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável não precisa realizá-lo.
- Com a participação do seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável nesta pesquisa isso poderá contribuir com os resultados dos tipos de bullying que ocorrem em sua escola, além de contribuir para maior conhecimento sobre esse tipo de violência e como o adolescente poderá solicitar ajuda de pessoas responsáveis.
- **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**
- A participação é voluntária. Seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável está poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável não receberá



nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### **Confidencialidade**

- Os dados de seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados, os questionários, ficarão guardados sob a responsabilidade de Gabriela e Larissa com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome de seu(sua) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual você é o responsável, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo que meu(minha) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual eu sou o responsável está participe voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio Tel.: (61) 3966-1474  
[julliane.sampaio@ceub.edu.br](mailto:julliane.sampaio@ceub.edu.br)

\_\_\_\_\_  
**Gabriella Ferreira Quaranta (61) 98331-1696**  
**Larissa Schenato Capo (61) (61) 98273-0251**

#### **Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907 – CEP 70790-075 – Brasília-DF

Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco 9

Bairro: Asa Norte

Telefones p/contato: (61) 3966-1474

## **TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - Para professores**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

***Bullying*: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública no distrito federal**  
**Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.**  
**Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio**  
**Pesquisadoras assistentes: Gabriella Ferreira Quaranta e Larissa Schenato Capó**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, será solicitada a sua assinatura nesse documento e será entregue uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

O objetivo específico deste estudo é caracterizar o perfil sociodemográfico dos estudantes que se autodenominaram vítimas e agressores; identificar se as vítimas buscam ajuda aos professores e o que fazem os professores quando são acionados por estudantes vítimas de bullying. Para tanto, haverá uma intervenção com os professores a fim de sensibilizá-los para as questões relacionadas a esse tipo de violência que ocorre na escola.

#### **Procedimentos do estudo**

- A participação consiste em participar das atividades de sensibilização e reconhecimento do *bullying*.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em horário de trabalho coletivo, previamente agendado pela direção da escola.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos mínimos.
- Medidas preventivas, como sigilo e anonimato dos respondentes serão assegurados serão tomadas durante toda a pesquisa e posterior à mesma para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Com a sua participação poderá contribuir com o reconhecimento do bullying e você, com os demais professores, terão subsídios para mediar conflitos em sala de aula, que envolvam o bullying, além de se tornar o adulto responsável ao qual o estudante vítima desse tipo de violência irá buscar ajuda, quando houver sofrido qualquer ato agressivo.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- A participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em

contato com um dos pesquisadores responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### **Confidencialidade**

- Os dados dessa pesquisa serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados, os questionários, ficarão guardados sob a responsabilidade de Gabriela e Larissa com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo que meu(minha) filho(a) ou adolescente pelo(a) qual eu sou o responsável está participe voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio Tel.: (61) 3966-1474  
[julliane.sampaio@ceub.edu.br](mailto:julliane.sampaio@ceub.edu.br)

\_\_\_\_\_  
**Gabriella Ferreira Quaranta (61) 98331-1696**  
**Larissa Schenato Capo (61) (61) 98273-0251**

#### **Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907 – CEP 70790-075 – Brasília-DF Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco 9

Bairro: Asa Norte

Telefones p/contato: (61) 3966-1474

## APENDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO

### TERMO DE ASSENTIMENTO

**Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública no distrito federal**

**Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.**

**Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio**

**Pesquisadoras assistentes: Gabriella Ferreira Quaranta**

**Larissa Schenato Capo**

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar.

Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

#### **Natureza, objetivos e procedimentos do estudo**

##### **Natureza e objetivos do estudo**

A gente quer saber se existe bullying na sua escola e como ele se apresenta. Vamos pedir para você responder um questionário com algumas informações suas sobre seu envolvimento ou não com o bullying na escola. São questões simples, você irá marcar aquilo que você já vivenciou ou já viu acontecer no local onde você estuda. O questionário tem três partes: a primeira são os seus dados (ano escolar, sua idade, seu sexo, se você já reprovou alguma vez), a segunda parte, são questões sobre seu envolvimento com o bullying como vítima e a terceira parte, se você já se envolveu com o bullying como agressor.

Você vai participar preenchendo um questionário no seu horário de aula.

- Você não fará nada além do que estamos explicando neste documento.
- A pesquisa será realizada em sua classe no horário normal de aula

##### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação poderá ajudar que mais pessoas saibam sobre o bullying.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pais/responsável, ou vai tratá-lo(a) mal se não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme as normas brasileiras sobre pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo.

##### **Confidencialidade**

- Seus dados ficarão somente com os pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações, no caso os questionários, ficará guardado

sob a responsabilidade de Gabriela e Larissa com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído após o prazo, sendo rasgado e incinerado.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra ficará com você.

---

#### **Assentimento**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, **(se já tiver o documento)**, fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. Os(As) pesquisadores(as) deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

---

#### **Participante**

---

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio Tel.: (61) 3966-1474  
[julliane.sampaio@ceub.edu.br](mailto:julliane.sampaio@ceub.edu.br)

---

**Gabriella Ferreira Quaranta (61) 98331-1696**  
**Larissa Schenato Capo (61)98273-0251**

## ANEXO A - QUESTIONÁRIO

### Questionário

**Bullying** no contexto escolar: proposta e avaliação de um programa de intervenção.

MARQUE COM UM X OU ESCREVA AS RESPOSTAS NAS LINHAS

#### Parte I

1. Em que série (ano) escolar você está?

5( ) 6( ) 7( ) 8( )

2. Você é do sexo

feminino (1)      masculino (2)

3. Quantos anos você tem?

10( ) 11( ) 12( ) 13( ) 14( ) 15( ) 16( ) 17( ) anos

4. Você já repetiu de ano/série alguma vez?

( ) nunca reprovei

( ) já reprovei

5. Qual a sua cor/raça?

( ) branca ( ) preta ( ) parda ( ) amarela ( ) indígena

#### Parte II

1. Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?

( ) ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola

( ) sim (≥3 vezes)

**Caso você tenha respondido ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) vá direto para a pergunta nº10, pulando as perguntas de 2 a 9.**

**Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)**

2. Quando foi a última vez que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram na escola?

( ) nos últimos 06 meses

( ) há mais de 06 meses

3. O que fizeram com você? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.

( ) me bateram, me deram murros ou pontapés

( ) me puseram apelido

( ) ficaram zuando de mim

( ) falaram coisas de mim, fazendo fofoca

( ) pegaram alguma coisa minha sem a minha permissão

( ) falaram de mim pela internet ou por mensagens do celular

( ) me puseram medo

( ) me isolaram ou me deixaram sozinho

( ) me humilharam ou me xingaram por causa da cor da minha pele

( ) me humilharam ou me xingaram por causa de algum problema que tenho. Qual problema? \_\_\_\_\_

4. Em que lugar isso acontece ou aconteceu? Pode marcar mais de um lugar se quiser.

( ) na sala de aula

( ) no recreio

( ) no banheiro

( ) na porta da escola

( ) nos corredores da escola

( ) no refeitório

( ) no caminho de casa

( ) em outro lugar – Qual? Diga o lugar \_\_\_\_\_

5. Você contou para alguém quando isso aconteceu?

( ) Não contei

( ) sim, disse aos meus amigos

( ) sim, disse ao professor, ao coordenador ou funcionário da escola

- sim, disse ao meu pai ou a minha mãe
- sim, à outras pessoas da minha família

**6. Quando você contou à alguém que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram, o que aconteceu?**

- não contei nada à ninguém
- a pessoa para quem eu contei não acreditou em mim
- a pessoa para quem eu contei não fez nada
- a pessoa para quem eu contei conversou
- a pessoa para quem eu contei chamou a atenção do meu colega
- a pessoa para quem eu contei me ajudou de outra forma. Qual? \_\_\_\_\_

**7. Qual a idade dos alunos que te ameaçaram, te maltrataram, te humilharam ou te agrediram na escola? Pode marcar mais de uma resposta se quiser.**

- são da minha idade
- são mais novos do que eu
- são mais velhos do que eu

**8. Qual é o sexo do aluno que te ameaçou, te maltratou, te humilhou ou te agrediu na escola?**

- são meninos
- são meninas
- são meninos e meninas

**9. Como você se sentiu ao ser ameaçado, humilhado ou agredido na escola? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.**

- não senti nada
- fiquei com medo
- fiquei triste
- fiquei envergonhado
- fiquei com raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

**10. O que você acha de alguém que maltrata, ameaça, humilha ou agride aos outros na escola?**

- não acho nada
- não gosto deles
- tenho pena deles
- quero ser como eles

- tenho raiva deles

**Parte III**

**1. Você alguma vez ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu outro colega na escola?**

- não
- sim (≥3 vezes)

**Caso você tenha respondido eu nunca ameacei, humilhei ou agredi outro colega na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) não precisa responder as outras perguntas abaixo.**

**Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)**

**2. O que você fez? Se quiser pode marcar mais de uma resposta**

- eu bati, dei murros ou pontapés
- eu coloquei apelido em alguém
- eu fiquei zuando por causa deste apelido
- eu fiz fofoca de um colega
- peguei alguma coisa de um colega sem permissão
- falei mal de um colega pela internet ou por mensagens do celular
- coloquei medo no colega
- isolei ou deixei meu colega de lado
- xinguei ou zuei um colega por causa da sua cor de pele
- xinguei ou zuei um colega por causa de algum problema que ele tem. Qual problema? \_\_\_\_\_

**3. Quando foi a última vez que você ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu um colega na escola?**

- nos últimos 06 meses
- há mais de 06 meses

**4. Como você se sentiu quando você maltratou, humilhou ou agrediu alguém na escola?**

- não senti nada
- senti medo
- senti tristeza
- senti vergonha

- senti raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola



